

Sobre a civilização cristã

O texto a seguir foi apresentado pelo autor em gravação na conferência do Instituto Schiller em Arlington, EUA, em 1º de setembro de 1990.

1. O foco estratégico desta crise global

Consideremos, primeiramente, o foco estratégico da presente crise global.

Reunimo-nos hoje sob a sombra escurecedora de uma crise estratégica global, uma crise que alcança os mais remotos cantos do nosso planeta e os lugares mais privados e zelosamente guardados, onde pessoas iludidas poderiam buscar refúgio físico e mental contra a evidência de verdades desagradáveis.

Estamos no presente em cima de um processo que leva à possibilidade de uma nova guerra mundial. Na superfície, são os herdeiros do maligno Castlereagh da Inglaterra que orquestram esta guerra, na mesma direção geopolítica que causou a I Guerra Mundial.

Os eventos na arena do Oriente Médio estão sendo orquestrados pelo Serviço Secreto e pela diplomacia britânicos, com o objetivo de jogar a França e Moscou contra a Alemanha e contra o Japão, tudo conduzindo mais tarde a um conflito nuclear entre Moscou e os anglo-americanos.

Se uma guerra dessas ocorrer, ela se degenerará, como a Guerra dos Trinta Anos degenerou na Europa Central de 1618-48.

Para ser específico, degenerará em uma forma de guerra total, que a História geralmente associa com as chamadas guerras religiosas. O caráter de quaisquer futuras guerras mundiais no atual período (o período à frente) derivaria, mesmo, do fato de que a raiz da atual crise estratégica global é um esforço hoje muito visível, por alguns, para erradicar o cristianismo deste planeta. É para este aspecto mais profundo e axiomático da crise que dirijo estes meus comentários.

Antes de entrar neste empreendimento específico, é mais do que relevante que eu identifique algumas regras básicas para a discussão que estou provocando.

Nós, aqui reunidos, representamos uma associação filosófica internacional, de composição ecumênica. Assim, sempre que tratamos de questões de religião, como somos obrigados a fazer aqui, não permitimos que nenhuma proposição seja apresentada, seja como premissa ou como tópico, a menos que a verdade ou erro dessa proposição seja submetida aos testes de veracidade que associo com o termo “representação inteligível”.

Por conveniência, remeto às definições de representação inteligível fornecidas nos textos *Em defesa do senso comum* e *Projeto A*.

Isto posto, referimo-nos ao fato de que a essência da atual crise global é tipificada pelo fato de que o príncipe Philip, duque de Edimburgo, da casa real britânica, tenha tomado uma posição pública de liderança, em suas palavras e em suas ações práticas correspondentes, ao promover causas que importam na tentativa de exterminar o cristianismo deste planeta.

Palavras fortes, mas verdadeiras. *Não há exagero nisto. As palavras do príncipe são claras.* A observação factual coloca a proposição seguinte que consideraremos aqui.

Por que deve um vedanta, um judeu, budista ou muçulmano ver a expressão do príncipe Philip de ódio pró-bestial ao

cristianismo como representando uma ameaça à existência continuada da espécie humana?

É implicitamente óbvio que tal forma de proposição pertence diretamente ao conceito de sobrevivência bem sucedida ou durável, tratado em meu texto. *Em defesa do senso comum* e também tratado mais extensivamente em *Projeto A*. Assim, estamos colocando esta questão, embora religiosa, em um contexto científico rigoroso. Assim, o que alguma religião, seja cristã, judaica ou outras, diga ou pareça dizer, de acordo com alguma autoridade putativa, é *aqui irrelevante*, exceto que tal proposição seja sustentada na mesma base metodológica, que emprego tipificada pelo esboço de método nos dois textos referidos.

Portanto, quando dizemos, como o farei na conclusão deste pronunciamento, que a civilização cristã é a mais alta forma de ordem social já atingida pelo homem, devendo assim ser defendida por toda Humanidade, estou emitindo uma proposição científica com prova científica conclusiva, que não se apóia apenas nas afirmativas arbitrárias de qualquer interpretação de um texto religioso, no sentido fundamentalista ou similar.

As provas essenciais do cristianismo, em todo caso, sempre foram defendidas pelos principais teólogos cristãos, como verdades que eram evidentes, *mesmo que não existisse nenhum texto para corroborá-las*. Como diz Jesus Cristo no Evangelho (Lucas 19:40): “As próprias pedras poderiam falar”. De fato, as pedras e as estrelas, como sabemos, às vezes falam mesmo, à sua maneira, pois enunciam a lei natural perceptível, susceptível de representação inteligível com ajuda dos poderes criativos da razão humana.

O conflito que enfrentamos pode ser mais amplamente descrito nos seguintes termos.

Nos últimos 2.600 anos, a base da civilização européia pode ser representada, essencialmente, pela oposição de Atenas, bem como das cidades-estados republicanas jônicas, à cultura praticante da usura da Babilônia, da Mesopotâmia e pela derrocada dos usurários de Atenas pelas chamadas reformas constitucionais efetuadas por Sólon de Atenas.

Remontamos, assim, a civilização européia a Sólon, em termos de aproximação. Remontamos esta civilização ao trabalho exemplar de Sócrates e Platão. Tratamos, então, Sócrates e Platão como eles tratariam a si mesmos, caso tivessem se convertido postumamente ao cristianismo: como Agostinho e o cardeal Nicolau de Cusa, por exemplo, tipificam o cristianismo.

Tratamos, então, a civilização cristã como uma cultura antioligárquica e antiusura, estendendo-se implicitamente desde a derrubada da usura por Sólon em Atenas até os tempos presentes.

O principal adversário do cristianismo, na maior parte de sua existência até os nossos dias, tem sido a Roma pagã, aquela que identificamos com nomes como os do Anticristo, o imperador Tibério e seus sucessores Nero e Diocleciano. Estes representam o inimigo.

Em tempos mais recentes, o inimigo do cristianismo dentro da Europa, ou o principal inimigo, tem sido uma oligarquia que se caracteriza pela sua promoção da permissão ou prática da usura, a qual tem-se voltado constantemente para a Roma pagã como modelo de leis, costumes sociais e relações entre Estados.

O caso mais relevante, para nossos propósitos atuais é a ascensão do que é chamado Romantismo, junto com o liberalismo britânico, que é a mesma coisa que o Romantismo na Grã-Bretanha e no continente, durante o século XVIII. Exemplos do Romantismo no continente são, naturalmente, Voltaire e seus amigos: Montesquieu, Rousseau e outros. Na Inglaterra, David Hume e Adam Smith são exemplos do Romantismo, bem como Gibbon ou Jacques Necker, o homem que arruinou a França no século XVIII, ou sua filha, que espalhou tão prolificamente o vírus do Romantismo na Alemanha, a Madame de Staël.

O Romantismo é a forma moderna do inimigo, que leva a uma segunda forma, à qual voltarei em um instante, uma segunda expressão do Romantismo, a forma dionisíaca.

O Romantismo se propõe, essencialmente, a sustentar a Roma imperial pagã e a idéia de um império único global, a

Pax Romana, por assim dizer, modelada na Roma imperial pagã e tendo como arquiinimigos Moisés e o cristianismo a ele associado.

Não é o judaísmo como tal que é o alvo do paganismo, mas sim a teologia mosaica, o antigo judaísmo de Moisés, em vez de algo que se mistura com mitos babilônicos como a cabala, uma mistificação pseudomosaica, inventada há tempos.

Assim, nos tempos modernos, especialmente desde o século XVIII, desde a época do inimigo do cristianismo, o primeiro duque de Marlborough e seu sucesso na entronização do liberalismo no Reino Unido, são o Romantismo e seu sucessor, o Modernismo, que têm sido os inimigos do cristianismo, os inimigos da civilização cristã.

Temos então o quadro.

Dentro da própria Europa e das Américas, naturalmente, por extensão, temos duas civilizações européias: uma é a civilização básica, cujos sucessos se baseiam no que poderíamos chamar de corrente republicana, identificada com Sólon, Sócrates e Platão, da maneira que indiquei.

A segunda é a Europa oligárquica: a oligarquia, a aristocracia, a nobreza, que praticam a usura ou a promovem e que se voltam para o modelo da Roma imperial pagã, para o modelo de Tibério, Augusto, Nero, Diocleciano e suas políticas, como o antídoto ao republicanismo anti-usurário.

Bem, em nosso tempo, chegamos a um conflito que emana daquele conflito latente na civilização européia. A oligarquia pró-usura, os pagãos, representam o ponto de vista do Império Britânico, por exemplo. O Império Britânico foi explicitamente criado como um conceito, durante o século XVIII, desenvolvido pelos românticos, como um império baseado no modelo romano imperial pagão. Napoleão Bonaparte, por exemplo, foi posteriormente um momento do modelo romano imperial pagão introduzido como culto na política francesa.

O modelo romano imperial pagão foi adotado pelos russos, já com Filoteu de Pskov em 1510 d.C., e assim por diante.

Mas, deste projeto imperial, exemplificado novamente em 1815 e, posteriormente, pela Santa Aliança, chamando-se de cristã, mas na verdade baseada em um modelo *pagão*, o modelo romano imperial pagão, emergiu a idéia do controle do equilíbrio de poder, como uma forma de esmagar a existência da forma de estadismo que reflete a tradição republicana cristã.

Isto levou à I Guerra Mundial: os ingleses, trabalhando contra Gabriel Hanotaux da França, Sergei Witte da Rússia e outros, foram coniventes para *impedir* o desenvolvimento da cooperação econômica entre a França, Alemanha e Rússia, entre outros, com vistas a que estas três potências colaborassem entre si e, por sua vez, colaborassem com o Japão e contra os interesses britânicos na China, para que o continente euroasiático, assim dominado pelo desenvolvimento econômico, se tornasse uma força imbatível, do ponto de vista da Grã-Bretanha. Assim, esta foi hábil, no chamado Grande Jogo, em jogar a Rússia e a França contra a Alemanha e em utilizar a queda do Império Otomano, com a resultante crise balcânica, para criar o que se tornou a I Grande Guerra.

Depois da I Guerra Mundial, nos anos 30, a Inglaterra agiu, então, para recriar aquelas circunstâncias, nos interesses britânicos, bem como nos interesses dos círculos da família Harriman nos Estados Unidos, trabalhando para levar Adolf Hitler ao poder, com o objetivo de provocar a II Guerra Mundial, que, por mais que o tenham posteriormente lamentado, foi causada por tais interesses.

Assim, hoje em dia, as forças na Inglaterra, vendo o crescimento de uma Alemanha reunificada e uma *dependência* do esfacelado Império Russo com relação à cooperação econômica com a Alemanha, simplesmente, para a sua própria sobrevivência, temem novamente que o continente europeu, enfrentando a crise do desenvolvimento da Rússia e se estendendo para as nações do resto da Ásia e de outras partes do mundo, represente uma poderosa força econômica, que o imperialismo britânico em sua nova forma, o imperialismo anglo-americano, não possa mais dominar.

Desta forma, mais uma vez, a Inglaterra, por meio de certa facção na tradição do maligno Castlereagh, movimentou-se, com a crise do Oriente Médio, para tentar manipular a Rússia, mediante a sua alavanca do petróleo, contra a Europa continental e, assim, colocar a França e a Rússia contra a Alemanha, com a finalidade última de que isto conduza, não a uma guerra Alemanha-Rússia, mas a uma guerra nuclear entre a Rússia e os anglo-americanos.

Se esta guerra vier a ocorrer, o resultado seria, como já indiquei, uma degeneração de guerra como ocorreu na Guerra dos Trinta Anos, de 1618-48. Os orgulhosos exércitos de Wallenstein, chegando ao campo de batalha, poderiam prevalecer na batalha inicial, como os EUA e outras forças poderiam prevalecer se atacassem o Iraque. *Mas, em seguida a tal sucesso aparente, seria desencadeada uma forma de guerra total que associamos, como historiadores, com a pior, mais feroz e encarniçada das guerras religiosas.*

Desta forma e outras relacionadas, a guerra deflagrada por um estopim como, digamos, o Iraque, se espalharia pelo planeta: não tudo de uma vez, mas em dias, semanas, meses. E os dias, meses e anos passariam cada vez mais depressa, como foi o caso nos Bálcãs no período de 1910 a 1914. Mas, desta vez, em uma escala global, e mais feroz e profunda, até que uma pequena fagulha - espalhando o conflito a partir desta fagulha, juntando-se a outros locais de conflito e guerra - se disseminasse pelo mundo, e o alinhasse todo em uma forma de guerra, melhor descrita como uma guerra total, na qual todos tipos de armas, indo dos punhos e mãos fechadas em torno da garganta, e pedras esmagando crânios, às mais modernas armas, fossem usadas de homem a homem, nariz a nariz e de faca às costas, por todo este planeta.

Esta é a natureza do conflito que enfrentamos.

Assim, na organização do conflito, como já indiquei, temos a forma geopolítica, com os elementos britânicos e anglo-americanos ligados aos britânicos, tentando jogar novamente o jogo do equilíbrio de poder na Europa continental, como este foi jogado antes durante este século e, na verdade, desde a fundação e a pré-fundação da Santa Aliança, em 1815.

Ao mesmo tempo, essas forças britânicas estão concentradas em um conflito Norte-Sul: a tentativa de mudar (ao menos temporariamente) o conflito da Guerra Fria, de Leste-Oeste para Norte-Sul, desencadeando guerras populacionais e de matérias-primas contra as regiões do mundo cujas populações têm cores de pele algo mais escuras do que as que os ingleses mais admiram, para colocar as coisas bem claramente. E, assim, o Oriente Médio se torna a arena de uma guerra mundial, não somente por causa do petróleo ou qualquer outra razão, mas, precisamente, porque, em termos estratégicos, ele é a encruzilhada entre os pontos de conflito Leste-Oeste e Norte-Sul. E isto deve ser impedido.

Contudo, a luta não é simplesmente uma luta entre a idéia imperial pagã romana e a Cristandade.

Por volta do final do século XIX e depois, no século XX, em uma segunda fase, houve o crescimento do Modernismo, além do Romantismo. As razões são óbvias.

O Romantismo, embora erodisse e estragasse bastante o movimento republicano, durante o século XVIII e começo do XIX, era, porém, incapaz de eliminar inteiramente o progresso científico e tecnológico e, portanto, incapaz de abortar o aperfeiçoamento mental da população em geral, um aperfeiçoamento que alimenta a liberdade política, assim como o poder da liberdade intelectual. Deste modo, os que se encontravam por trás da idéia romântica tinham de recorrer a meios mais desesperados na tentativa de extirpar o cristianismo.

Tivemos, assim, os existencialistas do século XIX, nos quais incluiríamos apropriadamente John Ruskin, da Universidade de Oxford e outros. Mas, mais notavelmente, pessoas da estirpe de Friedrich Nietzsche, Aleister Crowley e caterva.

Estes indivíduos diziam explicitamente: precisamos desenvolver um culto destrutivo, modelado no culto frígio de Dionísio ou no culto grego de Apolo, e contrapo-lo ao cristianismo, usar esta forma de Anticristo para destruir o cristianismo: usar Dionísio, usar Wasserman (homem aquático, o culto de Aquário) para destruir a era de Peixes, sendo este o símbolo na linguagem astrológica para o cristianismo e Sócrates.

Tivemos um evento similar ocorrendo logo depois da I Guerra Mundial.

Ao conquistar a Rússia, o bolchevismo falhou em conquistar a Europa Ocidental. Isto perturbou muito os bolcheviques e seus patrocinadores. E, para tanto, apareceu um sujeito chamado Georg Lukács na Alemanha, em círculos associados com a tradição de Max Weber, em uma ocasião em que Lukács preparou o que veio a se tornar o programa da escola de Frankfurt, o Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt.

Lukács disse, essencialmente, que o bolchevismo tinha fracassado em conquistar a Europa Ocidental porque a civilização européia tinha uma inoculação, um potencial imunológico contra o vírus do bolchevismo: essencialmente, o cristianismo, o cristianismo na tradição de Sócrates e Platão, postumamente “convertidos” ao cristianismo. Portanto, propôs Lukács, precisamos *destruir* este traço imunológico cristão, esta característica platônica do cristianismo, como uma pré-condição para poder, efetivamente, infestar a Europa ocidental com o vírus bolchevique.

A partir daí, surgiram os projetos da Escola de Frankfurt. Daí proveio a contracultura malthusiana de rock-drogas-sexo, que irrompeu com tamanha e crescente força, desde o ano inauspicioso, ou auspicioso, de 1963.

Desde então, tem havido um esforço direto e crescente para destruir o cristianismo de per si. Nos Estados Unidos, isto veio à tona mais conspicuamente com o trabalho do juiz do Supremo Tribunal, Hugo Black, ao usar o argumento mítico da pretensa separação moral de Jefferson entre Igreja e Estado, para criar um vácuo com a finalidade de, enquanto o cristianismo era proscrito de nossas escolas públicas, convidar legalmente o satanismo para entrar. E, com estes ataques à moralidade cristã, e a tentativa de substituí-la pela ética pagã, no estilo romano, temos pelos menos duas gerações de juventude norte-americana, por exemplo (e condições similares, em outros países), que, essencialmente, estão moralmente destruídas ou desorientadas; que *perderam o potencial imunológico* para resistir a vírus como os do bolchevismo, do fascismo e assim por diante.

Portanto, quando o príncipe Philip diz que o homem deve dar vez aos direitos do animal, que a população humana precisa ser reduzida por tal motivo, vê-se surgir hoje o que teria sido impossível há duas gerações: temos movimentos pelos direitos dos animais, terroristas selvagens, completamente irracionais, insanos como manadas, dispostos a fustigar a sociedade por causa de uma coruja pintada ou de um esquilo vermelho ou, até mesmo, de alguma outra espécie mais baixa.

Esta é, portanto, a natureza do perigo para a civilização, do lado negativo.

Porém, do lado positivo há algo mais.

O cristianismo contém algo superior a qualquer outra forma de cultura, falando objetivamente, que não é propriedade da Europa, no sentido restrito, nem das Américas. *A contribuição da civilização cristã é a propriedade de direito de cada pessoa na superfície deste planeta.* E para isto, continuemos.

II. O mapa da mente humana: tornando inteligível a política

Antes de examinar as qualidades específicas da civilização cristã, que a tornam superior, bem como única, temos de olhar de relance assuntos que são cobertos mais extensivamente nos dois textos já mencionados, mas que devem ser aqui repetidos, pelo menos sumariamente, para benefício daqueles que não os tenham lido.

Muito poucas pessoas, desafortunadamente, sabem o que a palavra *mente* deveria significar; pelo menos, não sabem o que deveria significar em algum sentido científico.

A maioria das pessoas, por exemplo, tenderia a aceitar, pelo menos como uma proposição, a idéia de que *racional* significa *lógico*; e, por lógico, querem dizer lógica dedutiva formal.

Mas isto não é verdade.

Conhecemos hoje, é claro, o fato embaraçoso de que *máquinas* podem praticar a lógica dedutiva - os computado-

res, por exemplo. Pelo menos, uma forma muito grosseira de lógica dedutiva, e somos capazes de fazer cada vez mais nesta direção. Sem exaurir todas as possibilidades da lógica dedutiva, mas indo cada vez mais longe, a ponto de os iniciados ficarem mais ou menos temerosos do que se pode fazer.

Portanto, não parece que a lógica dedutiva seja, exatamente, a qualidade da mente, se ela pode ser uma qualidade da máquina. Ou, talvez, as máquinas substituirão os homens. Este é o tipo de argumentos em que se pode cair, se não se leva em conta o fato de que *há* uma diferença.

E há uma diferença que é muito facilmente demonstrável.

O homem é capaz de *mudar as suas idéias e comportamento para, deliberadamente*, aumentar as capacidades produtivas do seu trabalho. O resultado é que a Humanidade é capaz de sustentar mais pessoas com menos terra. E não somente sustentar uma pessoa com menos terra, mas, ao mesmo tempo, aumentar significativamente o padrão de vida da pessoa sustentada. Assim, passa a custar menos manter uma pessoa, mas esta pessoa terá mais. Terá mais em termos de expectativa de vida e de consumo. Terá mais em termos de lazer e tempo para desenvolver os seus poderes mentais como seres humanos, e assim por diante. O trabalho infantil é abandonado e as crianças vão trabalhar em uma etapa posterior da vida, tendo mais tempo para se desenvolver, e mais ricamente.

Apenas a espécie humana pode fazer isso. Nenhuma espécie animal pode, nenhuma máquina, nenhum computador pode, não importa quão articulada possa ser a máquina.

Encontramos essa qualidade mental associada, mais obviamente, com o que chamamos de descobertas científicas fundamentais. A mente humana é capaz de descobrir leis fundamentais da natureza e corrigir o seu entendimento dessas leis de uma forma bastante fundamental.

É esse poder criador da mente, a razão criadora, ao contrário da lógica, que constitui a essência da mente humana.

Repassemos rapidamente este ponto, para garantir que sejamos absolutamente claros.

A maioria das pessoas está familiarizada com o que pensam ser, por exemplo, a física do colegial e da universidade. Elas pensam nesta física em termos de uma espécie de matemática, baseada na aritmética, na qual pode entrar a geometria, mas apenas como um apoio, como maneira de ilustrar a questão. A álgebra com que estão familiarizadas é baseada na aritmética - não na geometria - e elas supõem que tudo o mais que diz a física, do ponto de vista da experiência, pode ser afirmado em termos de álgebras derivadas da aritmética ou da lógica dedutiva.

Consideremos porém o caso de qualquer descoberta científica fundamental. Por descoberta científica fundamental entendemos uma experiência que derruba, implicitamente, toda a física matemática existente; que diz que devemos voltar para trás toda a física e mudar as suas chamadas hipóteses subjacentes, corrigindo todos os teoremas para permitir que essa descoberta repentina corrija o erro.

Bem, esse processo de correção do erro não pode ser representado dedutivamente. E, contudo, toda a ciência se baseia em nada menos do que tais descobertas fundamentais. Todo o progresso científico, toda melhoria na condição humana, se baseiam nestes tipos de descobertas, que não podem ser representadas dedutivamente e que, não obstante, ocorrem, são eficientes e dirigidos, no sentido de que a Humanidade, de uma forma ou de outra, sabe como pesquisar uma descoberta que aumente o poder humano e, se o fizer bem, uma pessoa pode em verdade fazer aquilo que determinar. Isto não ocorre por evolução ao acaso, por seleção fortuita. Ocorre propositalmente.

Todo grande descobridor descobriu coisas porque *quis* descobri-las. Eles podem não ter descoberto exatamente o que queriam, mas *queriam descobrir algo que aumentasse o domínio humano sobre a natureza* e acabaram fazendo exatamente isto, se tinham alguma competência no assunto. Eles não fizeram um monte de invenções e as consideraram experiências aleatórias, de forma que as bem sucedidas sobrevivessem e as outras não. Não, tudo isto foi conseguido delibe-

radamente. E este tipo de processo, de descoberta proposital, não pode ser representado por qualquer sistema dedutivo.

É precisamente essa capacidade de *querer descobrir* ou transferir essa descoberta, ou assimilá-la em práticas produtivas ou outras, que distingue o ser humano de um animal: que distingue a espécie humana como um todo à parte de todos os animais e a coloca acima deles.

Assim, a característica da espécie humana é essa qualidade mental associada à razão criadora.

Bem, não é nosso propósito aqui entrar nesse aspecto da questão, mas é necessário relatar o fato de que *podemos representar o processo da razão criadora de uma forma inteligível*. Não de uma forma dedutiva, mas inteligível, tão completamente *rigorosa* quanto se pode supor que uma álgebra o seja.

Podemos mapear isso, descreve-lo, mostrá-lo. Há métodos em geometria por meio dos quais podemos fazê-lo, com precisão cada vez maior. Mas não podemos deduzi-lo.

Logo, o importante é saber que existe esse poder da mente.

Bem, a segunda coisa sobre esse poder da mente é que ele é *soberano*. Não importa quanta influência social, sugestões e colaborações etc., sejam precisas para possibilitar que um indivíduo faça uma descoberta científica fundamental. Em última palavra, o próprio ato de descoberta, a criação da idéia, ocorre inteiramente dentro da cabeça do descobridor. Não há participação externa no processo em si. Pode haver estímulo externo, colaboração, sugestão e assim por diante. Mas, no processo em si, não há intervenção externa. Ele se desenvolve diretamente dentro da pessoa. Portanto, é um *processo soberano* do indivíduo, enquanto pessoa necessária, enquanto indivíduo.

Bem, essas são as qualidades com que temos de lidar. Sendo este o caso, é desejável na sociedade que esta qualidade do indivíduo, em cada caso individual, seja desenvolvida ao máximo grau possível. Não se obtêm descobertas pelo comportamento *médio* dos indivíduos. Elas são obtidas pelo desenvolvimento do indivíduo *enquanto indivíduo*.

Entretanto, para se lograr sucesso com uma descoberta individual, é necessário mais do que somente o cientista individual. Para esta descoberta funcione na sociedade, ela não pode ficar confinada à mente de seu descobridor ou a uns poucos cientistas. Ela deve ser *transmitida* a professores e outros. Estas pessoas devem ser educadas e desenvolvidas a ponto de poderem *assimilar* a descoberta e passarem, em um certo sentido, pelo processo de *refazer a descoberta*, como o descobridor original: através de suas próprias mentes, seus próprios poderes soberanos de raciocínio criador, em suas próprias mentes soberanas. Estas pessoas, por sua vez, devem transmitir a descoberta a outras, que a recebam, como pessoas que trabalhem com essas idéias, em oficinas de máquinas-ferramentas ou outras. Também estas pessoas devem passar pelo processo de refazer, pelo menos com algum grau de aproximação, os tipos de processos mentais representados pela descoberta do cientista.

Assim, para se obter esse tipo de progresso, precisamos educar mais ou menos *todos* na sociedade. Precisamos desenvolver os *poderes criativos soberanos da razão em toda e qualquer criança* e incentivar esta qualidade em todo e qualquer adulto.

Isto nos dará a maior taxa de descobertas possível e a maior taxa de aperfeiçoamentos, tanto das forças produtivas do trabalho como tal, isto é, a capacidade de produzir mais para as necessidades humanas, quanto da capacidade de produzir este a mais com menor necessidade de insumos para fazê-lo. A esta relação, este resultado feliz, chamamos aumento na densidade populacional potencial. Não me aprofundarei mais nisto aqui, uma vez que está coberto em outro texto meu publicado, que cobre algumas das complexidades desse processo. *Mas esta qualidade particular da humanidade é vital.*

Vejamos agora um outro aspecto desta qualidade.

O que significa isto? O que significa, quando a Humanidade como indivíduo descobriu uma lei do Universo? O que isto significa é que, ao descobrir uma lei do Universo, ao menos ao chegar a conhecê-lo menos imperfeitamente, a mente humana está convergindo para a forma verdadeira e

real do arranjo ordenado do Universo. E, nesta medida, a mente da pessoa individual está convergindo para a concordância com a mente de Deus. E com a vontade de Deus.

Assim, dentro desses poderes criativos da razão, se estes forem suficientemente desenvolvidos no indivíduo, aquela mente individual *se aproxima de um mapa da organização ordenada do Universo como um todo*. Isto é que é a maravilha.

Assim, nós, o Mínimo, esta coisinha pequenina, a pequenez indivisível do Universo, o nosso pequeno intelecto, assume uma posição de relação direta com a organização total do Universo e é, implícita e potencialmente, um mapa de todo o Universo.

O maior e o menor ficam, portanto, unificados, de forma mais ou menos projetada, como tendo um caráter mediante o exercício da razão criadora. E, por meio desta faculdade, é possível ao homem conhecer o Criador - neste aspecto, neste grau e com estas limitações. É possível ao homem dizer que tudo o que ele sabe se dá por meio da possibilidade de representação inteligível, ou seja, pela construção de qualquer idéia válida.

Não é necessário afirmar nada arbitrariamente. Podemos achar uma representação inteligível, que nos mostre se a idéia é verdadeira ou falsa. Esta é a natureza da situação.

III. O que queremos dizer com a superioridade da civilização cristã

Quando dizemos que a civilização cristã é a mais alta forma de civilização criada pelo homem, com as referências que dei no início, estamos falando, *cientificamente*, que a civilização cristã proporciona à sociedade as *maiores taxas de crescimento* da densidade populacional potencial, *a maior taxa de desenvolvimento da mente humana* e *o tipo de desenvolvimento da mente mais concentrado e efetivo*.

O aspecto crucial do cristianismo, a esse respeito, é algo sintetizado por uma ênfase aplicada ao credo cristão por Santo Agostinho: o que se chama em latim *Filioque* - que Cristo é tanto o Filho de Deus, quanto Deus, e que o Espírito Santo d'Ele emana, assim como de Deus Pai.

O que isto significa, sem entrar em toda a questão, é que mediante esta visão de Cristo e o papel intermediador de Cristo, o ser humano individual é capaz de reconhecer, eficientemente, a sua identidade como *imago viva Dei* - como um ser humano à imagem de um Deus vivo. Não algum rei, nem algum monarca arbitrário, mas o Criador, não algum tiranozinho como Zeus, cuspindo do alto de alguma montanha, pregando peças nos homens, mas um Criador que ama de verdade, de quem somos a imagem.

Em que sentido somos a imagem de Deus?

Somos a imagem de Deus em virtude da razão criadora, nada além da razão criadora. Somos a imagem de Deus em termos da razão criadora potencial, que nos torna o Mínimo, em correspondência eficiente com o Máximo: um Universo ordenado e sua lei, como um todo.

É esta imagem do indivíduo humano, a imagem cristã do indivíduo humano, nascendo com a centelha divina, este potencial para a razão criadora, esta qualidade como a da Divindade que faz funcionar a civilização cristã; ela é o segredo da civilização cristã, da sua força e é por isto que a civilização cristã é baseada na razão, razão criadora, em lugar de no ensino arbitrário de dogmas revelados e casuais.

Assim, o cristianismo e a ciência marcham juntos. Não o tipo de imagem da ciência que associamos a Newton, Descartes ou os dedutivistas em geral, ou com Aristóteles; não *este* tipo de ciência e sim o tipo de ciência que associamos a Nicolau de Cusa, se estivermos familiarizados com seu trabalho, ou Johannes Kepler, Blaise Pascal ou, sobretudo, Gottfried Wilhelm Leibniz. Este tipo de ciência.

Este tipo de ciência foi criado pelo cristianismo. Na verdade, ele não existia antes do cristianismo, embora houvesse um presságio dele em alguns gregos, especialmente pelo trabalho de Sócrates, Platão, bem como, naturalmente, em um certo grau, Arquimedes (287-212 a.C.).

É claro que existem rudimentos de ciência em muitas culturas. Na prática, na Europa devemos muito a contribuições de outras culturas, neste e em muitos outros aspectos.

Contudo, a idéia de uma ciência, um conhecimento universal da ordem do Universo, de uma forma totalmente sujeita à representação inteligível que indiquei, isto é algo peculiar à civilização européia cristã. E é peculiar em seu desenvolvimento atual ao que foi fundado como o método científico durante o século XV, o chamado Renascimento, particularmente a influência de Cusa e seus círculos neste período.

Esta é a essência da força, a força prática da civilização cristã - a sua capacidade de aumentar a produtividade do trabalho humano-, porque, na civilização cristã, a Humanidade não é tradicionalista, em termos de economia. A Humanidade não aceita ser como o animal selvagem, trabalhando no campo como seu pai e, anteriormente, o pai de seu pai.

Na civilização cristã, o homem deve usar esta qualidade, que o coloca à imagem do Deus vivo, ou a imagem viva do Deus vivo. Ele deve usar a sua razão. O seu trabalho deve emanar da razão, não do trabalho repetitivo, bovino. Não o trabalho de um animal. Ele deve inovar, constantemente - e deve inovar de uma forma que corresponda à razão, para diminuir as imperfeições do seu trabalho, para aumentar o *poder* de seu trabalho e o *poder* em termos de benefício para a Humanidade. *Poder* em termos de benefícios medidos no desenvolvimento das mentes de seus filhos e assim por diante.

Este impulso para o progresso, assim definido como sendo necessário para o trabalho do indivíduo, rejeitando as formas de trabalho chamadas tradicionalistas, em favor do progresso tecnológico e científico, tem um duplo impacto na civilização. Antes de tudo, cria as pré-condições necessárias para o desenvolvimento completo das potencialidades morais do caráter do indivíduo. Em segundo lugar, fornece os meios para resolver todos os problemas que associamos às necessidades materiais e à miséria, na medida em que afligem a sociedade e levam a grandes males.

Nós, na civilização européia, adquirimos assim um grande tesouro que, como é um dom do Criador, não nos pertence, mas é confiado à nossa guarda, como propriedade comum de toda a Humanidade. E, quer a Humanidade em geral esteja disposta a vir abraçar o cristianismo por isto ou não, faz

diferença, mas não uma diferença a este respeito: que o guardamos em confiança. Guardamo-lo em confiança para toda a humanidade. Quem quer que bata à nossa porta, por assim dizer, e nos procure, devemos recebe-lo, porque o tesouro não nos pertence. Apenas encontra-se sob a nossa guarda, para doarmos. Este é o nosso poder. E é precisamente por isto que, de um ponto de vista ecumênico, a minha proposição é verdadeira, que o vedanta, o judeu, o budista e o muçulmano devem se juntar a nós em defesa da civilização cristã, contra o movimento bestial e satânico, a tentativa de destruir o cristianismo e a civilização cristã com que, desafortunadamente, o príncipe Philip está associado.

Obrigado.